

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS  
PROJETO DE PESQUISA - MONOGRAFIA

**“UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA LITERATURA DE  
ADMINISTRAÇÃO SOBRE AS FEIRAS LIVRES”**

Aluno: Pedro Barreto Barboza  
Orientador: Carlos Navarro Fontanillas  
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis

Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 2022

*“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”.*

Albert Einstein

## AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores Prof. Vanessa Brulon por todo o carinho e dedicação nas etapas iniciais do meu trabalho e ao Prof. Carlos Navarro Fontanillas pela orientação na elaboração deste trabalho.

À minha família pelo apoio e suporte durante todo o percurso da graduação.

Agradeço também a minha esposa por ter me auxiliado e estado presente nos momentos mais difíceis.

## **RESUMO**

As feiras livres, desde a formação das sociedades, estão presentes na vida cotidiana dos cidadãos influenciando tanto diretamente quanto indiretamente o desenvolvimento dos centros urbanos.

Compreender esse fenômeno cultural que existe até hoje é essencial não só para a análise de sua importância ao longo dos vários séculos de existência, mas também para preservação deste patrimônio histórico-cultural da humanidade.

A área de administração no Brasil atualmente conta com produções acadêmicas nas mais variadas frentes de pesquisa, deste modo, objetivo deste estudo foi analisar como a temática das feiras livres vêm sendo estudada na academia, mais especificamente na área da administração.

Para o alcance deste objetivo de pesquisa, foi realizada uma pesquisa bibliométrica, de cunho quantitativo. O levantamento de artigos a serem analisados foi feito através da plataforma de buscas de artigos acadêmicos Spell, respeitando os seguintes critérios de seleção: Artigos publicados em periódicos nacionais de administração, cuja data de publicação foi entre os anos 2000 e 2021 e que continham uma ou mais seguintes palavras - Feira; Feiras; Feira Livre - no título do artigo. Ao todo foi levantado 49 artigos que atenderam os critérios estabelecidos que enfim tiveram suas características analisadas, como: Metodologia aplicada; Qualitativo ou Quantitativo; Teórico ou Empírico; Ano de publicação; temática

Os resultados obtidos sugerem que a produção acadêmica de administração no Brasil estuda as feiras livres de maneira ampla, relacionando o tema com as mais diversas áreas da administração, indicando a importância do estudo sobre a temática para a área devido a sua complexidade. O presente estudo sugere ainda que o tema das feiras livres é atual, fato evidenciado pelo número de publicações expressivamente maior do ano de 2010 até 2021, que indica ainda que há uma crescente na produção sobre o tema e possivelmente pode estar associado a uma mudança de viés da administração brasileira. É importante ressaltar ainda que o número de publicações é consideravelmente baixo quando levado em consideração o recorte temporal feito para esse estudo e em comparação a outros

temas tradicionalmente mais abordados pela academia brasileira de administração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feiras; Bibliometria; Cultura; Administração.

## **ABSTRACT**

The street fairs, since the formation of the societies, are presents in the everyday life of the citizens influencing both directly and indirectly the development of the urban centers.

To comprehend this cultural phenomenon that exists until today is essential not just to the analysis of its matter over the several centuries of existence, but also to the preservation of this historical-cultural heritage of humanity.

The business field in Brazil currently has academic production with the most diversified research fronts, thus, this study goal was to analyze how the topic of street fairs has been studied in the academy, more specifically in the business field.

To reach this study goal was executed a bibliometric analysis with quantitative nature. The survey of articles to be analyzed was done through the research platform of academic articles Spell, respecting the following criteria to select: Articles published in national business periodicals, which data of publishing was between the years of 2000 and 2021 and that had one or more of the following words - Feira; Feiras; Feira Livre - in the title of the article. In total was found 49 articles that attended the established criteria and then, they had their characteristics analyzed, such as: Methodology Applied; Qualitative or Quantitative; Theoretical or Empirical; Year of publication; Thematic.

The results obtained suggest that the business academic production in Brazil studies the street fairs in a wide way, relating the theme with the most various fields of business academy, indicating the importance of the study about the theme to the field due to its complexity. The present study also suggests the street fair theme is current, fact evidenced in the number of publications expressively higher in the years of 2010 and 2021, which indicates that the production about the theme is growing and possibly may be associated to a change in the drawback of Brazilian business academy. It is also important to highlight that the numbers of publications is considerably low in

comparison to others themes traditionally more researched in the Brazilian business academy in the time frame of this study.

**KEY-WORDS:** Fairs; Bibliometric; Culture; Business School.

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>FIGURA I</b> - Nuvem de palavras dos Temas.....	30
<b>FIGURA II</b> - Nuvem de palavras das palavras-chave.....	31

## **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>GRÁFICO I</b> - Artigos antes de 2012 e depois de 2010.....	32
<b>GRÁFICO II</b> – Artigos por ano.....	33
<b>GRÁFICO III</b> - Artigos Publicados em periódicos A2, A3, B1, B2, B3 E B4.....	33
<b>GRÁFICO IV</b> - Artigos Empíricos e Teóricos.....	34
<b>GRÁFICO V</b> - Artigos divididos em Qualitativo e Quantitativo.....	35

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1.2 Objetivos.....</b>	<b>10</b>
1.2.1 Objetivos.....	10
1.2.2 Objetivos Intermediários.....	10
<b>1.3 Delimitação do Estudo.....</b>	<b>10</b>
<b>1.4 Relevância do Estudo.....</b>	<b>10</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Retrospecto Histórico das Feiras Livres.....</b>	<b>12</b>
2.1.1. Feiras Medievais Portuguesas.....	13
2.1.2 As Feiras Livres Brasileiras.....	15
<b>2.2 Feiras Livre, Cultura e Espaço Público.....</b>	<b>17</b>
<b>2.3 Feiras, Governo e População.....</b>	<b>20</b>
<b>2.4 Teoria Funcionalista.....</b>	<b>22</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 Tipo de Pesquisa.....</b>	<b>25</b>
3.1.1 Classificação de pesquisa quanto aos fins.....	25
3.1.2 Classificação de pesquisa quanto aos meios.....	25
3.1.3 Método Bibliométrico.....	26
3.1.4 Pesquisa Documental.....	27
<b>3.2 Detalhamento Metodológico.....</b>	<b>27</b>
3.2.1 Amostra.....	27
3.2.2 Procedimento.....	28
<b>4. RESULTADOS.....</b>	<b>30</b>
<b>5. CONCLUSÕES.....</b>	<b>36</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>





## 1. INTRODUÇÃO

Os primeiros registros de feira livre remontam à antiguidade clássica, na qual a prática feirante se iniciava como principal instrumento de troca de mercadorias nas sociedades antigas (DIAS E LEVINO, 2020). Entretanto, o modelo mais atual e, conseqüentemente, mais semelhante com o conceito de feira que conhecemos atualmente, deriva da Europa na Idade Média, as feiras medievais, que reuniam comerciantes de várias localidades do continente, intensificando-se cada vez mais por conta do crescimento da burguesia europeia e futuramente com o advento do capitalismo, tornando-se um importante fator de sociabilidade para as sociedades locais (GONÇALVES E ABDALA, 2013).

No Brasil, as feiras livres existem desde o período colonial, configurando-se como principal prática comercial da época e se perpetuando até os dias atuais na maioria das cidades brasileiras. Ribeiro e Rodrigues (2017) ao citarem Oliveira et al. (2008) argumentam que por conta do fator cultural e da importância para o desenvolvimento econômico-social, as feiras livres podem ser consideradas patrimônios culturais das cidades.

Porém, durante o avanço das sociedades ao longo dos séculos e o crescimento populacional dos centros urbanos, as feiras livres esbarraram em inúmeros obstáculos, como a crescente formalização do comércio, preocupações sanitárias e de ordem pública (MASCARENHAS E DOLZANI, 2008).

No Rio de Janeiro, o processo de regulamentação das feiras se intensificou com o governo Pereira Passos, que foi marcado por uma série de mudanças de cunho urbano na cidade, desde a criação de avenidas até remoção de habitações irregulares, na primeira década do século XX, quando a cidade do Rio ainda abrigava o Distrito Federal (MASCARENHAS E DOLZANI, 2008).

Atualmente a feira livre ocupa uma posição importante no espaço urbano, influenciando diretamente não só vida cotidiana dos cidadãos, mas também todo o ambiente em que está inserida, demandando engajamento do poder público e entidades privadas com relação à gestão. Compreender a respeito das feiras livres está dentro do objeto de estudo da área da administração, que segundo Da Cunha Lemos e Bazzo (2011, p.3) “a compreensão dos conceitos do funcionalismo, resgatando os

estudos de base da sociologia e da antropologia são fundamentais para o entendimento de suas relações com a teoria organizacional”

Portanto, a questão a ser respondida neste estudo é de que forma a produção acadêmica brasileira de administração aborda em suas pesquisas a temática das feiras livres?

## **1.2. Objetivos**

### **1.2.1. Objetivo**

Analisar como a temática das feiras livres vêm sendo estudada na academia, mais especificamente na área da administração.

### **1.2.2. Objetivos Intermediários**

- Identificar quais as metodologias aplicadas pela academia ao abordar o tema
- Evidenciar o volume de publicações sobre o tema das feiras livres na área de administração, no Brasil.
- Analisar o interesse da produção acadêmica da área de administração do Brasil em temas alternativos que abrangem não somente o aspecto técnico da administração, mas também questões como cultura e sociedade
- Identificar em quais áreas da administração o tema vem sendo abordado com mais frequência.

## **1.3. Delimitação do Estudo**

Foram listados artigos brasileiros da área de administração que abordavam a temática das feiras em um recorte temporal que abrange dos anos 2000 até a data da realização desta pesquisa. A escolha destes critérios se justifica pelo interesse em analisar o maior número de artigos dos periódicos nacionais de administração mantendo o compromisso com a atualidade da pesquisa, visto que o objeto de estudo remete aos tempos mais longínquos das civilizações e, portanto, se faz mais relevante a compreensão do que vêm sendo debatido atualmente.

#### **1.4. Relevância do Estudo**

A justificativa do presente estudo se dá pela necessidade de identificar as abordagens utilizadas pelos autores para compreender este fenômeno social, que são as feiras livres, tão importante historicamente, culturalmente e economicamente para a sociedade.

O tema se relaciona com a administração de várias formas, tanto pelo ponto de vista técnico quanto cultural. Levando em consideração somente o aspecto técnico, a pesquisa se faz relevante por se tratar de um fenômeno riquíssimo em técnicas de vendas, propaganda, organização do espaço e relacionamento com os clientes que surgiram predominantemente de forma espontânea e foram aperfeiçoadas ao longo dos anos de sua existência na maioria das vezes sem influência teórica de grandes autores da administração, apenas pela experiência e percepção dos comerciantes.

Quando analisado pelo aspecto sociocultural, o estudo se faz relevante por envolver um tema que contribuiu de forma direta para o desenvolvimento dos centros urbanos e comércios desde os tempos mais remotos sendo um dos diversos fatores que influenciaram a criação do que hoje chamamos de cidade ao redor do mundo.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Retrospecto histórico das feiras livres**

Nos tempos mais remotos, o ser humano produzia as necessidades que precisava para sobreviver no ambiente familiar, buscava variadas formas de suprir suas carências, criando a escrita, a agricultura, as armas e, conseqüentemente, o comércio, uma ideia que permanece com o mesmo objetivo desde sua criação (MAGALHÃES, FERREIRA E CAVALCANTE, 2017)

O modelo de feira livre que persiste até os dias atuais é diretamente relacionado com a prática europeia surgida entre a Idade Média e o Renascimento, prática essa que surge através da cultura de subsistência da população das pequenas cidades que se formavam, até então com o intuito de escoar o excedente de produção, sem que existisse ainda a intenção de se produzir em larga escala para fins comerciais. (DIAS E DE SOUZA, 2014)

A partir do renascimento comercial e urbano no século XI, começou na Europa uma transformação na economia, na vida social e principalmente na paisagem urbana. O artesanato se constituiu como principal meio de produção de mercadorias. As feiras, criadas pelos mercadores, destacaram-se como importantes entrepostos comerciais e como centro do desenvolvimento urbano. Os mercadores, principais responsáveis pelas atividades comerciais, deslocavam-se de uma região para outra negociando suas mercadorias. (CARVALHO, Leandro).

Com a revitalização do fluxo de mercadorias em decorrência do mercado consumidor, o Ocidente permitiu os negócios florescerem em diversas regiões, saindo seus habitantes das pequenas realidades feudais para exercerem o comércio tanto com os diversos povos do Oriente como com os de origem russa e escandinava ao Norte do globo. Então, como decorrência do aumento do comércio, as feiras surgem em locais estratégicos, geralmente pontos onde os mercadores de regiões distintas cruzavam seus caminhos. (MAGALHÃES, FERREIRA E CAVALCANTE, 2017)

Mas nos séculos XII e XIII os meios de transporte eram precários. Nem havia uma procura firme e constante de mercadorias em todas as regiões que pudesse garantir às lojas uma venda diária durante todo o ano. A maioria das cidades, por este motivo, não podia ter um comércio permanente. As feiras periódicas na Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Itália constituíam um passo em prol do comércio estável e

permanente. Regiões que no passado dependiam do mercado semanal para satisfação de suas necessidades mais simples descobriram que esse mercado era inadequado às oportunidades do comércio em desenvolvimento (HUBERMAN, 1981).

Existiu, assim, naquela época, uma distinção básica entre o mercado semanal (que fornecia produtos de necessidades mais simples) e as feiras periódicas (que traziam produtos diferentes e de regiões distantes), sendo as últimas programadas pelos próprios mercadores para quando terminasse em uma determinada localidade, já se iniciasse em outra. (MAGALHÃES, FERREIRA E CAVALCANTE, 2017)

Após as Cruzadas, iniciadas no século XII, houve a retomada das rotas comerciais europeias, e as feiras ressurgem, nos pontos de encontro dessas rotas, como forma de trocar e vender os excedentes agrícolas de um modo de produção feudal. No local de realização das feiras surgiram os burgos, os embriões da cidade moderna. Como ainda não existia o comércio fixo, as feiras dinamizavam a economia desses locais (AZEVEDO E QUEIROZ, 2011).

Com o avanço tecnológico e o aumento da eficiência nas técnicas agrícolas, a produção teve crescimento considerável e conseqüentemente mais excedentes eram produzidos e comercializados nas feiras, o que possibilitou a ampliação do que viria a ser uma das principais atividades econômicas da época. (DIAS E DE SOUZA, 2014) Azevedo e Queiroz (2011) ainda afirmam que “com a expansão marítima e comercial da Europa, a tradição das feiras foi levada para as colônias. Na América Latina, existiam lugares que conheciam as feiras antes da chegada dos europeus, por exemplo, nos atuais México e Guatemala. Em outros lugares, como no atual Brasil, as feiras eram uma “inovação e desconhecidas da população nativa”. Portanto, as feiras livres brasileiras são heranças das feiras medievais europeias, sobretudo as portuguesas.

#### 2.1.1. Feiras Medievais Portuguesas

A primeira referência a uma feira em território português – o Foral de Ponte de Lima, dado por D. Teresa em 1125. Os documentos encontrados sobre tal feira são escassos, sendo impossível afirmar sua periodicidade, região de atuação e os produtos que nela eram comercializados. Sua localização é compatível com o que se sabe sobre as feiras medievais da época, sendo realizada em uma vila localizada em um importante ponto de rota viária e fluvial. (MORGADO, et. al, 2019)

Outra importante feira medieval portuguesa é a de Vila Nova de Famalicão, criada em 1205, que a exemplo da feira de Ponte de Lima, se localizava em um eixo viário entre Porto e Braga. Esta feira possui documentos que indicam sua periodicidade quinzenal, que pode ser explicada pela sua localização em uma área populosa que provavelmente carecia de um comércio mais frequente para atender as demandas da população, além disso, por se tratar de um ponto entre dois centros próximos, atraía comerciantes e consumidores das duas regiões. Sua periodicidade ainda pode indicar que o alcance desta feira seria mais restrito, mais regional. (MORGADO, et. al, 2019)

O reinado de Afonso III (1248-1279) foi particularmente essencial para a proliferação das feiras pelo território português. Durante este reinado, a coroa portuguesa para a realizar concessões para a realização das feiras e com isso, passa a cobrar tributos que se tornam uma grande fonte de renda da coroa. As feiras, dessa forma, passam a se configurar como um elemento político e não somente comercial. Embora ainda não sejam encontrados registros de planejamentos mais elaborados, as feiras se multiplicaram rapidamente e sua localização, alcance e periodicidade pareciam se adaptar a cada situação específica. (MORGADO, et. al, 2019)

Tomadas pelo interesse político e privado, as feiras, ao longo da Idade Média, sofreram series de proibições e concessões, feiras existentes no passado deixaram de existir, outras novas surgiram e algumas foram remodeladas para atender as demandas da época deixando evidente a relação de poder entre a coroa portuguesa e os feirantes. Com o passar dos anos, o modelo de feira medieval foi sendo mais bem elaborado, e as intervenções tanto da coroa quanto de privados aumentaram consideravelmente, as tributações eram cada vez mais complexas, sendo particulares a cada feira e até a cada tipo de produto comercializado. A segurança dos feirantes aumentou, sendo fixadas punições e multas para infratores das regras estabelecidas e até mesmo a autorização do porte de armas aos feirantes. Em algumas localidades, os feirantes eram obrigados a participarem das feiras, sendo necessária justificativa de ausência caso não pudessem comparecer, uma medida que visava a constância da feira a fim de atender plenamente as demandas do mercado consumidor. (MORGADO, et. al, 2019)

As Feiras Medievais portuguesas se configuraram como importante fenômeno cultural e comercial para a época. E mesmo após o fim do Período Medieval, este modelo de feira continuou existindo e se adaptando à nova realidade do Mundo Moderno. (MORGADO, et. al, 2019)

### 2.1.2. As feiras livres brasileiras

As feiras livres no Brasil fizeram parte de um projeto de reurbanização no início do século XX que visava, dentre outras coisas, a substituição de práticas urbanas consideradas indesejáveis por outras consideradas modernas, inspiradas nos preceitos europeus de civilidade. Deste modo, em 1904, surge oficialmente a primeira feira livre no Rio de Janeiro, como parte de um teste com objetivo primário de promover entretenimento e beleza ao centro da cidade e apenas secundariamente compromissada com o abastecimento de alimentos para a população, pois para isso fora criado os mercados fechados. (JESUS, 1997)

Os mercados fechados fazem parte de um planejamento iniciado em 1870, mas que somente após mais de 30 anos consegue apoio governamental para sair do papel. Este projeto contou com doações de terrenos do governo para o setor privado para a criação dos mercados. (JESUS, 1997)

Esteticamente as feiras livres seguiam um padrão bastante definido e baseado na cultura europeia, que buscava organização, simetria e higiene. Configurando-se como uma ideia oposta às práticas tradicionais de comércio de rua no período colonial. (JESUS, 1997)

Inicialmente idealizadas para acontecerem apenas aos finais de semana e feriados, as feiras tomaram proporções muito maiores que o projetado, passando em 1916 rapidamente para 12 feiras, logo após, nos anos 30, para 42 feiras e por fim se espalharam por todo o território urbano da cidade. Sua expansão se deu por conta da maior efetividade de escoamento de alimentos, em comparação aos mercados fechados. Com a expansão das feiras pela grande área urbana da cidade, as feiras passam a ser frequentadas por todo tipo de pessoa, pertencentes as mais variadas classes sociais. (JESUS, 1997)

Assim, o fenômeno das feiras foi tomando rumos culturais diferentes dos projetados inicialmente que previa práticas com claras referências à burguesia europeia. Portanto, mesmo com a tentativa radical de exterminar a cultura popular das ruas do Rio de Janeiro, o comércio de rua, agora na figura de feira livre, se configurou como um ponto de contato entre as duas culturas existentes na cidade: a popular e a elitista e assim vem se perpetuando até hoje. (JESUS, 1997)

Entretanto, embora no período pré-colonial, não se tenha qualquer registro sobre algum tipo de comércio existente, por motivos claros de falta de necessidade de



produção de excedente por parte dos indígenas que habitavam as terras que futuramente viriam a se tornar o Brasil, conforme relata Dantas (2008, p.90) “no Brasil pré-colonização as tribos indígenas possuíam uma vida simples, baseada predominantemente na economia de subsistência, que tinha como única finalidade à satisfação de suas necessidades imediatas. Neste sentido, não havia motivo para a produção de excedentes e acumulação de riquezas, pois, por motivos culturais, eles desconheciam a propriedade privada. Quanto ao comércio intertribal, este se dava de forma muito peculiar, com os grupos delimitando um lugar específico para a troca de produtos, em geral para o adorno corporal.”

Na América Latina, as feiras e mercados, se desenvolveram de formas distintas nas demais colônias pertencentes ao continente. Os países que já possuíam praças de mercado antes da chegada dos colonizadores desenvolveram maneiras distintas de feiras pois já tinham a prática comercial inserida no seu dia a dia, já o segundo grupo de países, no qual o Brasil está incluso, são aqueles onde as feiras e mercados são consideradas inovações desconhecidas até então pela população nativa e portanto, somente foram introduzidos ao comércio com a chegada dos colonizadores, deste modo, o desenvolvimento das feiras foi mais lento (DANTAS, 2008).

A situação é diferente quando se trata do período colonial. Como dito anteriormente, as feiras livres foram oficialmente criadas no século XX, porém, atividades comerciais foram incentivadas a existir logo após a chegada dos portugueses, com o objetivo de realizar trocas com os indígenas (DANTAS, 2008).

As primeiras menções ao termo “feira” são datadas de 1548, quando D. João III ordena que sejam feitas feiras semanalmente ou até com maior frequência caso seja necessário, justamente para que os nativos pudessem ser inseridos no comércio, tanto comprando mantimentos quanto vendendo suas produções (DANTAS, 2008).

Nesta época, a capital da colônia era Salvador, e, portanto, as ordens para a criação das feiras eram voltada para esta área do território brasileiro. Porém, mesmo com os indícios encontrados nos documentos, não se tem conhecimento da primeira feira realizada de fato no Brasil (DANTAS, 2008).

“Outras referências à existência de feiras no Brasil nos séculos XVIII e XIX são as voltadas para o comércio do gado bovino e da farinha. O mais antigo registro é de 1732 sobre a feira de gado no sítio Capoame, na Bahia” (DANTAS, 2008, p.91).

Após oficialmente criadas, já no início do século XX, “as feiras livres desfrutavam de grande prestígio na cidade do Rio de Janeiro até o início da década de 1960. No

entanto, o processo de reformulação do modelo de abastecimento alimentar brasileiro se torna cada vez mais necessário frente ao ideal de modernização nacional”. Nesta época, o Brasil vivia o regime ditatorial (1964-1985) e os ideais de modernidade estavam atrelados ao estilo de vida norte americano, assim, as feiras livres passam a perder prestígio no meio urbano em razão do surgimento dos novos centros de distribuição de alimento aos moldes estadunidenses (BONAMICHI, 2013, p.19).

Entretanto na década de 1980, com a estagnação econômica característica deste período no Brasil, ocorre a volta dos costumes de comércio de rua devido ao crescimento das classes menos abastadas da população. Na década de 90, os índices de trabalhadores informais atingem patamares muito elevados e diante deste cenário, o mercado informal urbano volta a crescer, contrariando a tendência de décadas passadas que previam a substituição das feiras livres pelos supermercados. (BONAMICHI, 2013).

E com isso, “as atividades das feiras livres, sem qualquer tipo de fiscalização, mergulha na economia informal e cada vez mais passa a ser vista como uma forma distante e atrasada de comércio.” (BONAMICHI, 2013, p. 20)

## **2.2 Feiras livres, cultura e espaço público**

O comércio de rua, sobretudo no Rio de Janeiro, já existia muito antes da formação oficial das feiras livres, representando uma cultura urbana e comercial muito relacionada com o período colonial e escravista que ocupava o espaço público. As Quitandas (ou Kitandas) eram espécies de mercados de rua em locais preestabelecidos nos quais a presença dos negros era muito forte e serviam como locais de afirmação cultural e comércio, destinado a venda de “produtos da pequena lavoura, pesca e indústria doméstica” (JESUS, 1997)

“Antes do advento das feiras-livres e dos mercados cobertos, prevalecia na cidade do Rio de Janeiro um amplo leque de modalidades precárias de comércio de rua, movimentado pela necessidade de sobrevivência de indivíduos pobres numa conjuntura de baixa oferta de empregos.” (JESUS, 1997 p. 39)

A feira livre está presente no meio urbano desde a sua formação, e surge no Brasil como uma alternativa de comércio mais organizado do que os que já vigoravam no

país (MASCARENHAS E DOLZANI, 2008). Entretanto, sua presença na vida cotidiana dos cidadãos vai além do comércio em si, representando um local de sociabilidade e uso do espaço urbano, que enfrenta conflitos desde a intensificação dos automóveis e sobretudo com a modernidade (MASCARENHAS E DOLZANI 2008). Ainda de acordo com Mascarenhas e Dolzani (2008), a feira é “uma filha rebelde da modernidade que insiste em desafiá-la” que durante anos de existência se manteve praticamente intacta e completamente antiquada quando leva-se em consideração somente seu aspecto comercial, visto que a modernidade oferece alternativas de consumo mais seguras, confortáveis e tecnológicas, porém, o aspecto sociocultural presente nas feiras livres é o que ainda sustenta este fenômeno social após séculos de existência.

A criação das feiras livres está diretamente relacionada com a discussão sobre cultura, justamente por ter sido pensada como um instrumento de desterritorialização e exclusão social. Porém, ao longo dos anos, sua existência foi moldada a partir do contato com a cultura em que estava inserida e não com o projeto elitista baseado em ideais europeus que pouco se relacionavam com a realidade popular. (JESUS, 1997) Para De Almeida e Dos Santos (2019) o espaço público pode ser definido com um espaço não apenas de uso comum, mas como um espaço onde se promove sociabilidade. Ainda segundo os autores, o contexto da feira livre abrange conceitos de sociabilidade pois além de atender as demandas comerciais da população através do capitalismo, mantém a “sociabilidade por interação, na qual o indivíduo se relaciona com o meio e nele se identifica” (DE ALMEIDA E DOS SANTOS, 2019, p.234).

Bonamichi (2013, p.15) considera as feiras livre como “manifestações culturais complexas que são características de cada cidade e onde cada povo apresenta e exhibe sua produção, sua arte, sua cultura, sua cara. As populares feiras livres de rua possibilitam acesso democrático a um território onde parte da cultura popular se funde e se mostra como em uma vitrine.”

“A tradição das populares feiras livres está embutida na cultura da vida de rua dos pequenos e grandes centros urbanos brasileiros. Faz parte da identidade popular e, mesmo historicamente remodelada, persiste até mesmo nas grandes metrópoles onde a hegemonia do moderno varejo alimentar dos super e hipermercados é ainda mais fortemente estabelecida” (BONAMICHI, 2013, p.16)

Bonamichi (2013, p.16) prossegue descrevendo as feiras livres como “mercados inteiramente abertos e atraentes, convidativos, coloridos em aroma e paladar e atraem pessoas pertencentes às mais diversas classes econômicas e sociais. A possibilidade de pechinchar, discutir o preço com o freguês; a feira é como um espaço de resistência cultural frente ao avanço das relações impessoais que são impostas à cidade.”

A discussão a respeito de cultura é muito ampla e seu conceito foi se alterando ao longo dos anos, de acordo com o avanço do pensamento das sociedades, De Almeida e Dos Santos (2019, p.238) defendem que a cultura “engloba modos de vida, hierarquia dos saberes, crenças, tradições e modos de fazer, que constitui a identidade do indivíduo e permite que o essencial seja disseminado a outras gerações, mesmo que sua estrutura original se adeque ao tempo para assim poder sobreviver”. Portanto, a feira livre é um espaço cultural, que influenciou e permanece influenciando a vida dos cidadãos através das relações sociais, identitárias e culturais, promovendo a relação não somente entre os indivíduos, mas também com o meio (DE ALMEIDA E DOS SANTOS, 2019).

O crescente interesse sobre cultura é uma marca da sociedade contemporânea (DOS SANTOS, 2017) e é fundamental que haja compreensão da grande diversidade cultural existente e dos vários significados particulares de cada sociedade que foram atribuídos ao longo dos anos, proveniente dos diversos caminhos desde a formação das primeiras civilizações (DOS SANTOS, 2017). As variações de significados culturais estão atreladas a aspectos particulares de cada grupo social, como localização geográfica, recursos naturais, e sobretudo as experiências vividas (DOS SANTOS, 2017). Embora os primeiros estudos sobre cultura assumissem uma hierarquia cultural entre os povos, não existe qualquer evidência científica que possa comprová-la.

A cultura está presente no cotidiano da humanidade mesmo nas formas mais sutis e imperceptíveis, nas mais variadas áreas que compõem a vida em sociedade (DOS SANTOS, 2017).

Gertz (1973) ao analisar Weber assume que a cultura é um emaranhado de teias de significado o qual a própria sociedade fabricou, se atrelou e até hoje busca incessantemente significação.

No Brasil, as culturas se manifestam de diferentes formas por todo território nacional. Devido ao processo colonial que promoveu a miscigenação através do choque entre culturas, mais especificamente as europeias, as indígenas e as africanas, e pela

extensão territorial do país, o processo de formação da identidade cultural brasileira é marcada pela adaptabilidade cultural ao meio que se formou (PEREIRA, PINHEIRO E KUNZ, 2014)

A diversidade cultural brasileira é ampla, e em alguns casos é possível acreditar haver mais países inseridos em um só. Porém, devido aos fluxos migratórios em território nacional e as políticas de desenvolvimento desigual entre as regiões do país, existe no Brasil o preconceito cultural e a crença da existência de relação hierárquica entre as demais regiões do território. Sobretudo, a região nordeste do Brasil é alvo de discriminação e desvalorização cultural por parte das regiões mais ao sul do país.

Com relação ao uso do espaço público, as feiras livres esbarram em questões referentes ao planejamento urbano progressista. “Um dos ideais pregados por este modelo de urbanismo é que a sobreposição de funções, como circulação e lazer, causa desordem circulatória, fato que vai contra os princípios de cidade moderna funcional massivamente pregada por sua ideologia” (BONAMICHI, 2013, p. 17)

Bonamichi (2013, p.34) reforça que “historicamente, a regulação das populares feiras livres significou uma tentativa de ordenamento do próprio uso e territorialidades construídas nos espaços públicos”

### **2.3 Feiras, governo e população**

É possível identificar, em quase todos os grandes centros urbanos brasileiros, problemas oriundos da má gestão do meio urbano, impulsionado pelo crescimento exponencial das cidades, que vão desde falta de mobilidade urbana adequada até problemas sanitários.

Neste contexto, estão inseridas as feiras livres que, com o passar dos anos, foram frequentemente alvo de sanções governamentais por conta da sua popularização e propagação pelas cidades. Assim, surge a demanda por mais regulamentação das feiras por parte da máquina pública com a finalidade de controlar o crescimento deste fenômeno cultural para preservar a ordem pública (MASCARENHAS E DOLZANI, 2008).

É extremamente relevante destacar que o surgimento das feiras livres por si só já é um projeto governamental de intervenção nas práticas de comércio de rua existentes

no período colonial e início da República. Deste modo, o embate entre governo, população e feiras se inicia juntamente ao advento das feiras livres. (JESUS, 1997) Durante o governo Pereira Passos (1902-1906) no Rio de Janeiro, então capital brasileira, o poder público adotou uma série de medidas de caráter elitista que promoveu constantes ataques a cultura popular causando um desgaste nas relações entre o governo e a população (relações essas que já eram bastante questionáveis). É neste cenário que são criadas as feiras livres como forma de regular as práticas comerciais já existentes. (JESUS, 1997)

Segundo a Secretaria Municipal de Ordem Pública do Rio de Janeiro, existem mais de 150 feiras livres catalogadas e registradas na prefeitura que cumprem as regras impostas pelo poder público e, portanto, gozam do direito de funcionarem de acordo com o horário e dia previamente estipulados. Na cidade do Rio de Janeiro não há um dia sequer que não haja alguma feira, o que implica na necessidade de planejamento eficiente da prefeitura para que tanto os feirantes quanto os moradores tenham garantidos os seus direitos. Para que ocorram as feiras, é necessária presença de efetivo da Guarda Municipal, funcionários da COMLURB (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) para limpeza das vias após a realização das feiras e em alguns casos é necessária a interdição do trânsito motorizado em algumas vias.

Entretanto, a discussão com relação ao uso do espaço público não é o único obstáculo enfrentado pelas feiras livres, com argumenta Bonamichi (2013, p.17) “a criação de um imaginário sobre as populares feiras livres de rua como atividades arcaicas e anti-higiênicas se deve em grande parte também à popularização dos super e hipermercados e a todo o discurso que esta popularização trouxe. As feiras livres passam a ser taxadas como o “velho” enquanto as novas formas de varejo alimentar, modernas e portadoras do “american way of life” são massivamente promovidas”. Esta imagem da feira contribui para que parte da população enxergue-a como uma prática desordenada, beirando o caótico, que deve ser combatida com ações governamentais.

Em pesquisa realizada entre 2013 e 2014 na cidade de Osasco, que possui menos da metade do número de feiras registradas que a cidade do Rio de Janeiro, foram identificados números alarmantes com relação à produção de resíduo sólido, que estimaram ser de 390 toneladas semanais, bem como irregularidades quanto aos ruídos que ultrapassam os 75 decibéis estipulados pela legislação, além disso foram entrevistados moradores de regiões próximas aos locais de realização das feiras e

constataram que apenas 14% dos entrevistados consideram o cheiro agradável. (SILVA, CALIL E CALIL, 2015).

O conflito entre os feirantes e o poder público é constante, como argumenta Minnaert e Freitas (2008) em estudo sobre práticas de higiene em uma feira na cidade de Salvador-BA, que “a sujeira da feira enunciada por fiscais representa mais que a presença de sujeira. Para eles, a sujeira é a própria feira, pois ela está fora do seu sistema de classificação, da ordem que a lei estabelece para as coisas.”. Ainda sobre o estudo, é possível identificar a falta de interesse do poder público em conscientizar os feirantes a respeito do compromisso com a higiene, sendo mais simples aplicar-lhes uma punição. (MINNAERT E FREITAS, 2008).

Portanto, as origens dos atritos entre o governo e a população, no contexto das feiras livres e sobretudo do comércio de rua, sugerem remontar aos tempos da formação urbana das cidades brasileiras que deixaram cicatrizes nas relações entre estes dois agentes do espaço público até a atualidade. (JESUS, 1997)

Bonamichi (2013) em pesquisa realizada com feirantes e consumidores de 3 feiras da cidade do Rio de Janeiro, aponta que os consumidores consideram a pessoalidade como principal fator que os motivam a ir à feira livre em detrimento da impessoalidade encontrada nos super e hipermercados da cidade. “Estas relações de pessoalidade construídas no contato direto freguês-feirante possibilitam uma espécie de “atendimento personalizado” onde a confiança parece ser um fator fortalecedor e que resulta em uma certa fidelidade entre feirantes e fregueses que buscam pelas mesmas barracas semanalmente, possibilitando a construção de laços além da fria relação vendedor-cliente” (BONAMICHI, 2013, p. 28).

Bonamichi (2013, p.33) ainda prossegue afirmando “que a cultura do “fazer a feira” está impregnada de significados que contribuem para que esta tradição urbana permaneça com toda a força que ainda possui” indicando que a população interage com as feiras livres não só pelo seu caráter alimentício, mas principalmente pela tradição cultural existente nos centros urbanos brasileiros.

## **2.4 Teoria Funcionalista**

A ortodoxia na teoria das organizações foi desenvolvida a partir de metáforas suportadas pelo paradigma funcionalista e pelos seus pressupostos, acabando por engendrar o desenvolvimento de teorias pautadas em fundamentos pouco

questionados até os anos 1980. No âmbito do paradigma funcionalista, os teóricos das organizações abordam frequentemente seu objeto a partir de uma estrutura de referências com base em pressupostos não discutidos, e, na medida em que esses pressupostos são reforçados e reafirmados continuamente por diversos pesquisadores, essa visão ortodoxa de mundo passa a ser assumida como única e inquestionável.

Burrell e Morgan (1979) propõem uma classificação dos estudos organizacionais em 4 paradigmas - Funcionalismo, interpretativismo, estruturalismo radical e humanismo radical. Segundo os autores, o Funcionalismo, objeto de discussão desta sessão, tem compromisso com o objetivismo e a sociologia da regulação, se posicionando de forma contrária ao subjetivismo e sociologia da mudança radical.

Desta forma, o funcionalismo se distancia do objetivo da emancipação, principal premissa das vertentes consideradas críticas que se mostram como alternativa ao modelo funcionalista. Fica evidente que no estudo de Burrell e Morgan os paradigmas interpretativismo e humanismo radical são de abordagem subjetivista, já os paradigmas funcionalismo e estruturalismo radical tem abordagem objetivista.

Chanlat e Séguin (1983) propõem outra grade analítica para o exame dos paradigmas nas teorias organizacionais. Sua proposta comporta dois paradigmas – o funcionalista e o crítico – os quais abrigam diversas correntes internas. Os paradigmas se opõem, principalmente ao conceberem, cada um ao seu modo, a natureza da organização: enquanto o funcionalista adota a concepção sistêmico-sincrônica, teleológica, não histórica, harmônica e integrativa, o paradigma crítico baseia-se nas concepções sociológica, dialética, histórica, desmistificadora, “acionalista” e emancipadora. Os autores, ao considerarem o paradigma funcionalista como tributário da ordem social dominante, consideram, inversamente, o paradigma crítico como o paradigma da “desordem”. Numa visão ou- sada e complexa de complementaridade, é incentivada a adoção de ambos os paradigmas na análise organizacional.

Thomas Kuhn (1987) conceitua o paradigma como uma premissa fundamental entre os pesquisadores que o compartilham. É a visão de mundo que assegura a uma comunidade científica suas abordagens de investigação científica. Nesse sentido, pesquisadores que compartilham do mesmo paradigma foram submetidos a uma iniciação profissional e educação similares, absorvendo a mesma literatura técnica e retirando dela as mesmas lições.

Já Morin (1996) conceitua paradigma como “um tipo de relação muito forte, que pode ser de conjunção ou de disjunção, logo, aparente- mente de natureza lógica, entre



alguns conceitos mestres”. Essa relação dominadora “determina o curso de todas as teorias, de todos os discursos que o paradigma controla. O paradigma é invisível para quem sofre os seus efeitos, mas é o que há de mais poderoso sobre as suas ideias”.

Paula (2016) ao discutir a respeito das 3 matrizes epistêmicas, modelo criado pela própria autora, insere o funcionalismo dentro da matriz denominada “empírico-analítica”, pautada pela aproximação com a filosofia positivista, que para Cristaldo (2020) tem objetivo “totalizante, universalista”

“É funcionalista um rol de saberes que adere à sociologia da regulação — ou seja, se propõem a realizar mudanças incrementais e se satisfazem com as condições estruturais das sociedades capitalistas —, partindo de uma abordagem objetivista (realista, positivista, determinista e nomotético).” (CRISTALDO, 2020, p. 42)

“Autores funcionalistas partem da necessidade de sugerir a adoção de modelos de gestão, com o objetivo de aprimorar o funcionamento das organizações, sugerindo que suas estruturas não precisam de mudanças radicais, mas tão somente de reformas sobre como são usadas as forças produtivas. Ou seja, mudanças de gestão para atingir uma maior eficiência” (CRISTALDO, 2020, p. 49)

Historicamente, os estudos organizacionais possuem forte tendência ao funcionalismo. Autores clássicos da administração se inclinaram a produzir conhecimento à luz do funcionalismo baseados em Taylor, Ford e experimentos de Hawthorn e dessa forma ocuparam posição de destaque no ensino de administração não só no Brasil, como no mundo.

Especialmente tratando-se da academia brasileira de administração, a influência dos autores funcionalistas é grande até hoje, tendo impacto considerável na formação dos profissionais e estudiosos brasileiros de administração. Apesar de existir uma forte cultura crítica da produção acadêmica de administração do Brasil, é notável que o volume produzido de conhecimento pautado em valores funcionalistas é consideravelmente grande frente aos que apresentam valores de vertentes opostas.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1. Tipo de Pesquisa**

De acordo com a proposta de Vergara (2007), este estudo é classificado quanto aos meios e quanto aos fins. Segundo a autora, uma pesquisa pode ser classificada quanto aos fins em: Exploratória; Descritiva; Explicativa; Metodológica; Aplicada; Intervencionista. Já quanto aos meios, uma pesquisa pode ser classificada em: Campo; Laboratório; Documental; Bibliográfica; Experimental; Ex Post Facto; Participante; Pesquisa-Ação; Estudo de Caso.

##### **3.1.1. Classificação de pesquisa quanto aos fins**

Esta é uma pesquisa de caráter descritivo, que “expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza” (VERGARA, 2007, p. 47)

Para Richardson (1999) os estudos descritivos procuram descobrir e classificar a relação entre variáveis, os quais propõem descobrir as características de um fenômeno. Nesse tipo de pesquisa, identificam-se primeiramente as variáveis específicas que possam ser importantes, para posteriormente explicar as complexas características de um problema.

##### **3.1.2. Classificação de pesquisa quanto aos meios**

Quanto aos meios, este é um estudo cuja metodologia é bibliométrica, que são estudos desenvolvidos através do acesso a extensos bancos de dados que fornecem grande volume de informações sobre a produção científica de determinado tema (SOARES, PICCOLI e CASAGRANDE, 2018). Esta metodologia foi intensificada nos últimos anos com o advento de buscadores de artigos acadêmicos ainda mais acessíveis através da internet, como o Google Scholar e o Microsoft Academic Search que permitem o acesso a diversas bases de dados de artigos científicos do mundo todo (SOARES, PICCOLI e CASAGRANDE, 2018).

A pesquisa bibliométrica possui similaridades com as demais pesquisas empíricas, é composta por introdução, revisão de literatura, metodologia, resultados e conclusões. Entretanto, as seções de metodologia e resultados guardam peculiaridades importantes que visam dar maior credibilidade ao estudo, portanto, as pesquisas bibliométricas contam com um maior detalhamento dos procedimentos metodológicos que devem incluir as bases de dados utilizadas para obtenção das informações, os recortes temporais feitos e suas justificativas, bem como sua abrangência (SOARES, PICCOLI e CASAGRANDE, 2018).

### 3.1.3 Método Bibliométrico

Publicada em veículos de comunicação formal ou divulgada através de meios informais ou não convencionais, foi a comunicação científica registrada que deu origem aos estudos bibliométricos, colaborando para a história social do conhecimento. As técnicas bibliométricas começaram a ser empregadas no início do século XX (ARAÚJO E ALAVARENGA, 2011). Em 1934 Paul Otlet utilizou pela primeira vez o termo bibliometria, em sua obra nomeada de *Traité de Documentation*, o autor ainda defende que: a bibliometria é o meio de quantificar a ciência, utilizando-se da aplicação estatística nas fontes de informações (MACHADO, 2007). Entretanto a bibliometria foi popularizada por Alan Pritchard em 1969 como sendo um campo de estudo, no qual são utilizados modelos matemáticos e estatísticos para analisar a comunicação escrita de uma determinada área (MACHADO, 2007).

A bibliometria é um agrupamento de métodos de pesquisa em constante desenvolvimento, desenvolvido pela Biblioteconomia e pelas Ciências da Informação, que usa análises quantitativa, estatística e de visualização de dados não só para mapear a estrutura do conhecimento de um campo científico, mas também como um meio fundamental para a análise do comportamento dos pesquisadores em suas decisões na construção desse conhecimento (VANTI, 2002). Ainda segundo Vanti (2002) existem algumas possibilidades de aplicação de técnicas bibliométricas, são elas: identificar as tendências e o crescimento do conhecimento em uma área; identificar as revistas do núcleo de uma disciplina; mensurar a cobertura das revistas secundárias; identificar os usuários de uma disciplina; prever as tendências de publicação; estudar a dispersão e a obsolescência da literatura científica; prever a produtividade de autores individuais, organizações e países; medir o grau e padrões

de colaboração entre autores; analisar processos de citação e co-citação; determinar o desempenho dos sistemas de recuperação da informação; avaliar os aspectos estatísticos da linguagem, das palavras e das frases; avaliar a circulação e uso de documentos em um centro de documentação e; medir o crescimento de determinadas áreas e o surgimento de novos temas. O presente trabalho utiliza várias dessas metodologias, algumas de forma direta e outras secundariamente.

#### 3.1.4 Pesquisa Documental

“A pesquisa documental consiste num intenso e amplo exame de diversos materiais que ainda não sofreram nenhum trabalho de análise, ou que podem ser reexaminados, buscando-se outras interpretações ou informações complementares, chamados de documentos” (GUBA e LINCOLN, 1981 apud KRIPKA, SCHELLER e BONOTTO, 2015).

Documentos são todos os materiais produzidos pelos indivíduos que se apresentam como evidências de sua ação e que podem elucidar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver. Desta forma, é possível apontar vários tipos de documentos: os escritos; os numéricos ou estatísticos; os de reprodução de som e imagem; e os documentos-objeto (BRAVO, 1991).

“Assim, pode-se dizer que a pesquisa documental é aquela em que os dados obtidos são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles contidas, a fim de compreender um fenômeno” (KRIPKA, SCHELLER e BONOTTO, 2015)

Diante disso, a pesquisa documental é capaz de promover a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, através da análise dos documentos que são confeccionados pelos indivíduos e por isso trazem a tona o seu modo de ser, viver e compreender um fato social. “Estudar documentos implica fazê-lo a partir do ponto de vista de quem os produziu, isso requer cuidado e perícia por parte do pesquisador para não comprometer a validade do seu estudo” (SILVA et al., 2009).

### **3.2. Detalhamento Metodológico**

#### 3.2.1 Amostra

Foram listados artigos brasileiros da área de administração que abordavam a temática das feiras em um recorte temporal que abrange dos anos 2000 até a data da realização desta pesquisa. A escolha destes critérios se justifica pelo interesse em analisar o maior número de artigos dos periódicos nacionais de administração mantendo o compromisso com a atualidade da pesquisa, visto que o objeto de estudo remete aos tempos mais longínquos das civilizações e, portanto, se faz mais relevante a compreensão do que vêm sendo debatido atualmente.

O compromisso com a atualidade é justificado pela necessidade de se analisar o volume de artigos produzidos em cada época. Entretanto, a escolha por aplicar um recorte temporal nas buscas afeta a inclusão de artigos que, apesar de terem sido produzidos em anos anteriores e, conseqüentemente menos atrelados à atualidade, ainda poderiam acrescentar informações relevantes à produção acadêmica de administração.

O levantamento foi feito através da plataforma de buscas Spell, utilizando os filtros de busca que permitiram manter os critérios supracitados (periódicos brasileiros de administração; recorte temporal de 2000 até 2021). As buscas foram norteadas através da busca das palavras-chave - feira; feiras; feira livre - nos títulos dos artigos.

Ao todo foram selecionados 49 artigos que atenderam a todos os critérios fixados e que representam uma amostra do que vem sendo discutido sobre a temática na área da administração.

### 3.2.2 Procedimento

Os dados foram organizados em uma tabela criada no software Excel contendo colunas que foram preenchidas de acordo com a universidade de origem dos pesquisadores, ano de publicação, temática específica, palavras-chave e aspectos técnicos do artigo como: metodologia aplicada, classificação em qualitativa ou quantitativa, bem como em teórico ou empírico. Para a obtenção destas informações, foi feita a leitura dos resumos dos artigos selecionados, em casos em que não foi possível identificar todos os aspectos necessários foi feita a leitura da seção de método.

A organização dos dados encontrados nos textos em forma de tabela, permitiu que fossem analisadas as informações de forma mais precisa, auxiliando também na

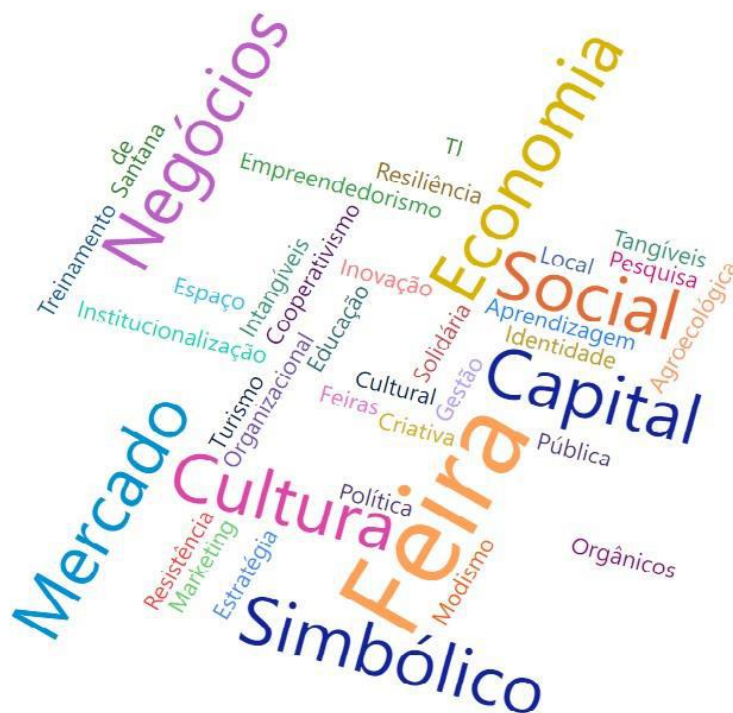
velocidade com que as consultas aos dados foram realizadas, fator determinante para que seja possível extrair as informações sem que um grande volume de tempo seja necessário

Após a etapa de coleta e classificação, foi feita a análise quantitativa dos dados por meio de estatística descritiva, que serão abordadas posteriormente de forma mais detalhada na seção de Resultados.

#### 4. RESULTADOS

A partir dos dados recolhidos dos artigos, foi possível identificar aspectos interessantes da produção acadêmica de administração do país em relação à temática das feiras.

**Figura I: Nuvem de palavras dos Temas**



Fonte: Elaboração Própria em Microsoft Power BI

A imagem I representa a nuvem de palavras dos temas dos artigos selecionados para este estudo e quanto mais chamativa é a representação desta palavra na imagem, maior foi a frequência com que ela foi utilizada. Na figura I podemos perceber que a palavra mais utilizada foi “Feira” seguida por “Cultura”, “Economia”, “Negócios”, “Mercado”, “Capital”, “Social” e “simbólico”. Os resultados já eram esperados, pois foram selecionados para este estudo os artigos com a palavra “Feira” em seu título e nos periódicos de administração.

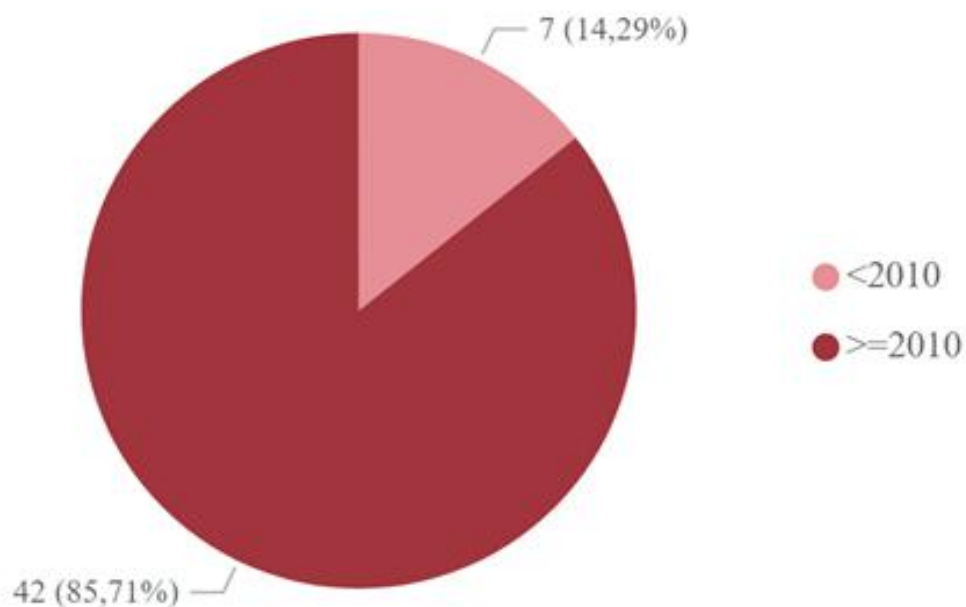
Figura II: Nuvem de palavras das palavras-chave.



Fonte: Elaboração Própria em Microsoft Power BI

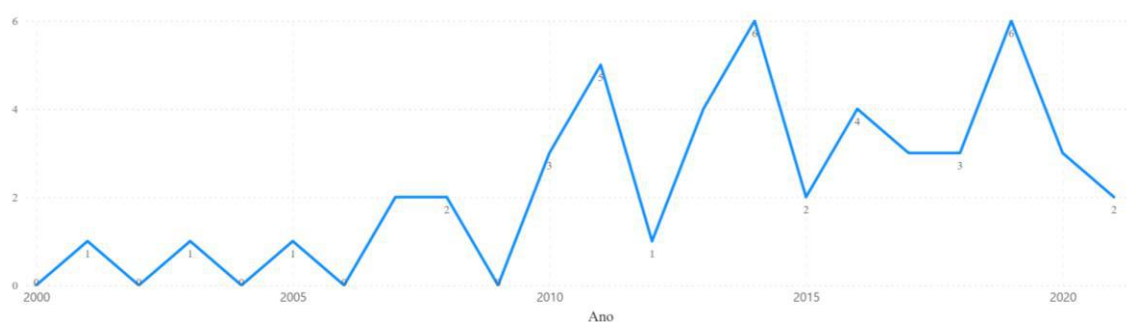
A Imagem II demonstra a nuvem de palavras das palavras-chave estipuladas pelos autores dos cinquenta artigos elegidos. A imagem mostra que as palavras mais frequentemente usadas são “Feira” e “Feiras” o que já era previsto como foi mencionado acima.



**Gráfico I: Artigos antes de 2010 e depois de 2010**

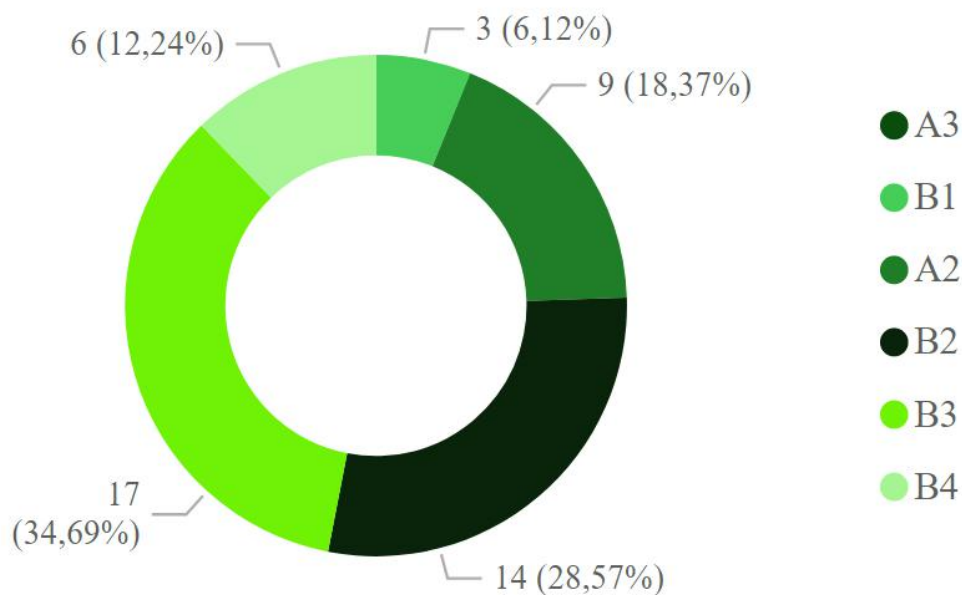
Fonte: Elaboração Própria em Microsoft Power BI

O gráfico I indica que menos de 15% dos artigos selecionados foram publicados antes de 2010, um número bem expressivo que sugere um aumento significativo na publicação de artigos com o tema feiras a partir da mudança da década, mostrando assim a evolução do estudo das feiras na área de administração no país. Além disso, a discrepância no número de publicações pode indicar maior aceitabilidade de temas alternativos nas revistas de administração, quando comparamos as duas épocas.

**Gráfico II: Artigos por Ano**

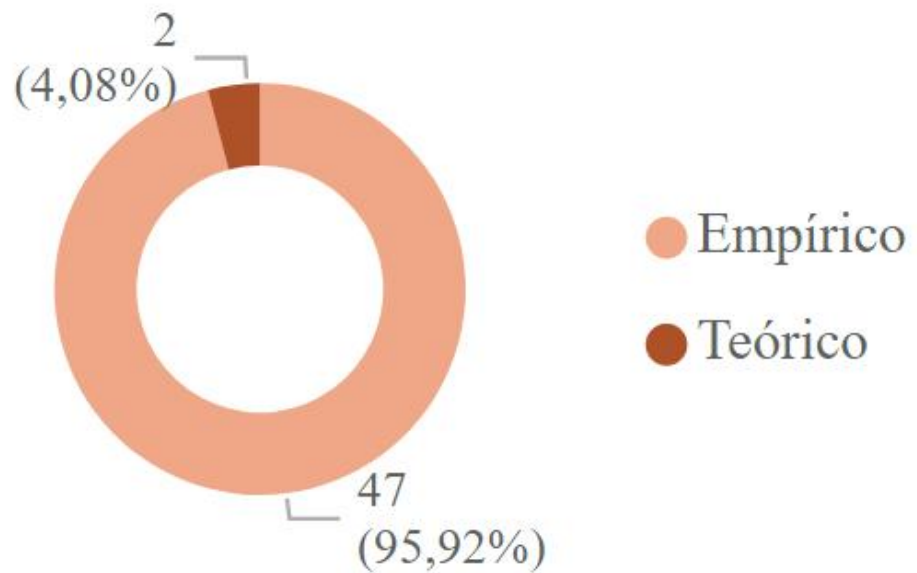
Fonte: Elaboração Própria em Microsoft Power BI

O gráfico II evidencia o crescente número de artigos publicados com o tema das feiras no Brasil nos últimos anos.

**Gráfico III: Artigos Publicados em periódicos A2, A3, B1, B2, B3 E B4.**

Fonte: Elaboração Própria em Microsoft Power BI.

O gráfico III demonstra que muito além da metade, mais precisamente 81,62%, dos artigos são publicados em periódicos de categoria B.

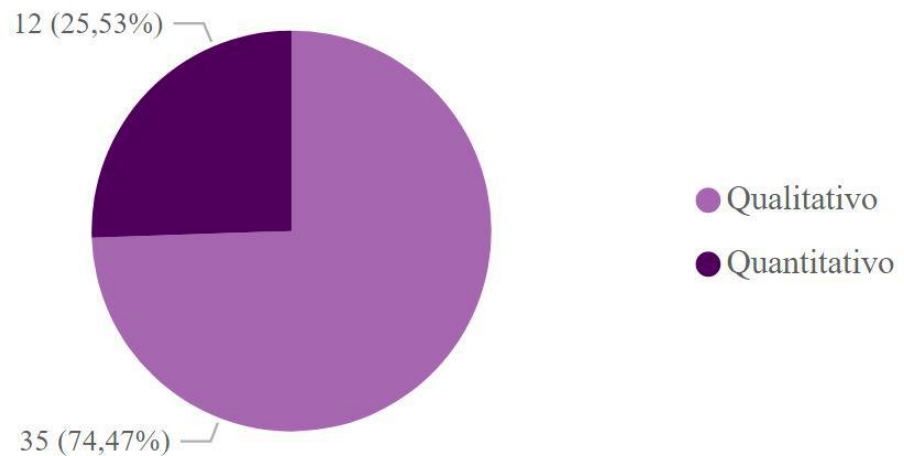
**Gráfico IV: Artigos Empíricos e Teóricos**

Fonte: Elaboração Própria em Microsoft Power BI.

O gráfico IV apresenta a porcentagem dos artigos divididos em Empírico e Teórico e mostra que a grande maioria deles são artigos empíricos. O que aponta para uma valorização, por parte dos pesquisadores à pesquisa de campo, ou seja, a uma comprovação prática para a validação de uma teoria.

**Gráfico V: Artigos divididos em Qualitativo e Quantitativo**

### Qualitativo e Quantitativo



Fonte: Elaboração Própria em Microsoft Power BI

O gráfico V mostra que apenas 25,53% dos artigos são quantitativos, o que demonstra a preferência dos pesquisadores em estudos que têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada (GODOY, 1995).

## 5. CONCLUSÕES

Após a etapa de análise dos artigos obtidos através da pesquisa bibliométrica foi evidenciada uma possível tendência da produção acadêmica de administração brasileira em optar por artigos empíricos e em sua maioria através da abordagem qualitativa quando o tema são as feiras, o que pode indicar que os pesquisadores se inclinam mais ao estudo prático sobre o tema em detrimento de questões teóricas.

Quando comparados os períodos antes e depois de 2010, foi evidenciado um volume maior de artigos sobre a temática na última década, que possui ao menos uma publicação por ano desde 2010, o que pode indicar que existe um interesse crescente da academia em analisar este fenômeno social que são as feiras, contrastando com o caráter funcionalista que a administração tradicionalmente adotou ao longo de sua consolidação como ciência. Entretanto, é possível identificar através da análise dos artigos que apenas 18,37% dos artigos publicados sobre o tema estão em periódicos de categoria A, segundo a classificação dos periódicos da Qualis Capes, que, portanto, sugere que, embora haja um movimento crescente dos pesquisadores se debruçando sobre o tema, ainda está restrito aos periódicos mais alternativos e de menor pontuação de acordo com o Qualis Capes.

Conforme identificado pela nuvem de palavras a respeito dos temas específicos de cada artigo, é relevante destacar a amplitude em relação ao estudo sobre as feiras que abrange desde feiras de tecnologia e empreendedorismo até discussões sobre cultura e economia, indicando, assim, a pertinência do estudo sobre as feiras nas mais variadas áreas da administração.

Desta forma, este presente estudo alcança seu objetivo proposto ao identificar de que forma a produção acadêmica brasileira de administração vêm abordando o tema das feiras e ainda pode servir para auxiliar futuros pesquisadores na tomada de decisão no momento de definir o objeto a ser estudado. Porém, é necessário destacar que este trabalho se limita a estudar somente o que está sendo produzido sobre o tema na área da administração e que reflete somente o que foi produzido até 2021, data em que foi realizada a pesquisa, portanto, para pesquisas futuras, sugere-se que sejam ampliadas as buscas por artigos a outras áreas do conhecimento como por exemplo as áreas de arquitetura e urbanismo, bem como áreas de saúde pública.

Por fim, é relevante destacar que o número de artigos produzidos sobre a temática ainda é baixo, principalmente quando comparado com outras temáticas de caráter mais funcionalista. Apenas 49 artigos cumpriram os requisitos previamente fixados para este trabalho, número este que é surpreendentemente baixo quando se considera a complexidade e densidade do tema.

## 6. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Francisco Fransualdo de; QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. As Feiras Livres E Suas (Contra) Racionalidades: Periodização E Tendências a Partir De Natal-RN-Brasil. **Geografía y CIENCIAS SOCIALES**, 2013.

BARBOSA, Maicon. Narrativas, conversações e alguns ritornos em meio à feira livre. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 8, 2011.

BONAMICHI, NAYANA CORRÊA. **FEIRAS LIVRES**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social: Teoria e ejercicios**. 7 ed. Ver. Madrid: Paraninfo, 1991.

BURRELL, G.; MORGAN, G. Sociological paradigms and organisational analysis: Elements of the sociology of corporate life. London: Heinemann, 1979.

CABANA, Rocío Del Pilar López; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. AS IDENTIDADES FRAGMENTADAS NO COTIDIANO DA FEIRA DO PRODUTOR DE MARINGÁ1. **Organizações & Sociedade**, v. 24, p. 285-304, 2017.

CALDAS, Miguel P.; TINOCO, Tatiana. Pesquisa em gestão de recursos humanos nos anos 1990: um estudo bibliométrico. **Revista de administração de empresas**, v. 44, p. 100-114, 2004.

CALDAS, Miguel P. Paradigmas em estudos organizacionais: uma introdução à série. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, p. 53-57, 2005.

CARVALHO, Leandro. Feiras Medievais. **Mundo Educação**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/feiras-medievais.htm>>. Acesso em: 09 de set. de 2021.

CHANLAT, Jean-François. L'analyse des organisations: un regard sur la production de langue française contemporaine (1950-1990). **Cahiers de recherche sociologique**, n. 18-19, p. 93-138, 1992.

CRISTALDO, Rômulo Carvalho. Administração política e os estudos organizacionais. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 7, n. 1, p. 34-75, 2020.

DA CUNHA LEMOS, Dannyela; BAZZO, Walter Antonio. Administração como uma ciência social aplicada: integrando ciência, tecnologia e sociedade no ensino de administração. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 5, n. 3, p. 1-14, 2011.

DA SILVA, Juliana Franchi; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A economia popular solidária em Santa Maria–RS e suas interfaces. **Gestão e Sociedade**, v. 8, n. 21, p. 767-781, 2014.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras no nordeste. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 7, n. 13, p. 87-101, 2008.

DE ALMEIDA, Juliana Nogueira; DOS SANTOS, Fernanda Reis. A feira livre de irará: uma análise cultural. **Pontos de Interrogação—Revista de Crítica Cultural**, v. 9, n. 1, p. 227-243, 2019.

DE JESUS, Gilmar Mascarenhas. Modernidade Urbana e Flexibilidade Tropical: as feiras livres na Cidade do Rio de Janeiro (1904-1934). **Geo UERJ**, n. 2, p. 29-42, 1997.



DIAS, Lucas Victor; LEVINO, Natallya. Análise de ações empreendedoras na Feira Livre de Messias/AL. **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, v. 8, n. 2, p. 18-30, 2020.

DIAS, Thiago Ferreira; DE SOUZA, Washington José. Gestão social e economia solidária: o caso da Associação dos Produtores e Produtoras Rurais da Feira Agroecológica de Mossoró–Aprofam, Mossoró-RN. **Teoria e Prática em Administração (TPA)**, v. 4, n. 1, p. 261-294, 2014.

DOS SANTOS, Jose Luiz. **O que é cultura**. Brasiliense, 2017.

FERRAZ, Deise Luiza da Silva. Processos decisórios e aspectos simbólicos: um estudo das culturas organizacionais da Feira do Livro de Porto Alegre. **Organizações & Sociedade**, v. 18, n. 56, p. 77-98, 2011.

GERHARD, Felipe; PEÑALOZA, Verónica; MATOS, Fátima Regina Ney. Resiliência em feiras livres: uma análise sob a ótica sistêmica. **Revista Organizações em Contexto**, v. 15, n. 29, p. 69-96.

GERTZ, Clifford **The Interpretation Of Cultures**, Basic Books, 1973.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONÇALVES, Alexandre Oviedo; ABDALA, Mônica Chaves. “Na banca do ‘Seu’ Pedro é tudo mais gostoso”: personalidade e sociabilidade na feira-livre. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 12, 2013.

GUIMARÃES, Camila Aude. A feira livre na celebração da cultura popular. 2010. USP. São Paulo. Disponível em Acesso em: 21 mai. 2012

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 1986.

KRIPKA, Rosana; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa Lara. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. **CIAIQ2015**, v. 2, 2015.

KUHN, T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: **Perspectiva**, 1987.

MACHADO, Raymundo das Neves. Análise cientométrica dos estudos bibliométricos publicados em periódicos da área de biblioteconomia e ciência da informação (1990-2005). **Perspectivas em ciência da informação**, v. 12, p. 2-20, 2007.

MAGALHÃES<sup>1</sup>, V. A.; CAVALCANTE, KS Ferreira<sup>2</sup>&L. C. Feiras móveis: uma perspectiva histórica comparativa com as feiras medievais. 2017.

MAIOLI-AZEVEDO, Veronica; FONSECA-KRUEL, Viviane Stern da. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. **Acta Botanica Brasilica**, v. 21, p. 263-275, 2007.

MANCIBO, Rafael Cuba; DA COSTA, Alessandra de Sá Mello; DE PAULA PESSÔA, Luís Alexandre Grubits. Organizações, Discurso e Ideologia: A Feira de São Cristóvão nas Páginas do Jornal O Globo. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 15, n. 3, p. 124-144.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam CS. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008.

MINNAERT, Ana Cláudia de Sá Teles; FREITAS, Maria do Carmo Soares. Práticas de higiene em uma feira livre da cidade de Salvador (BA). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 1607-1614, 2010.

MORAIS, I. R. D.; ARAÚJO, M. A. A. de. Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN). In: *Caminhos de Geografia* 23 (17) 244 - 249, fev/2006. Disponível em < <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em: 22 maio 2012.

MORGADO, Paulo Alexandre et al. *As Feiras no Portugal Medieval (1125-1521): Evolução, Organização e Articulação*. 2019.

MORIN, E. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Europa-América, 1996.

OLIVEIRA, R. B. A. Avaliação higiênico-sanitária dos boxes que comercializam carnes em dois mercados públicos da Cidade do Recife-PE/Brasil. **Medicina Veterinária (UFRPE)**, v. 2, n. 4, p. 10-16, 2008.

PAULA, Ana Paula Paes de. Para além dos paradigmas nos Estudos Organizacionais: o Círculo das Matrizes Epistêmicas. **Cadernos Ebape. br**, v. 14, n. 1, p. 24-46, 2016.

PIMENTEL, Thiago Duarte et al. " Da basílica à feira... do oásis ao Shopping": a trajetória das metáforas do Jubileu em Congonhas (MG). **Revista de Administração Pública**, v. 45, p. 45-66, 2011.

PEREIRA, Giovanni Tavares; PINHEIRO, Cristiano Max; KUNZ, Marinês Andrea. Criatividade à Brasileira: O jeitinho para driblar crises. **Pensamento & Realidade**, v. 29, n. 3, p. 12-12, 2014.

RIBEIRO, Dilson Fagundes; DA SILVA RODRIGUES, Rosane. Avaliação das condições higiênico-sanitárias na comercialização de frutas e hortaliças no município de Manhuaçu, Minas Gerais. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 12, n. 1, p. 85-89, 2017.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

ROCHA, Hélio Carlos et al. Perfil socioeconômico dos feirantes e consumidores da Feira do Produtor de Passo Fundo, RS. **Ciência Rural**, v. 40, p. 2593-2597, 2010.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & sociedade**, v. 19, p. 95-102, 2007.

SERVA, Maurício; DIAS, Taisa; ALPERSTEDT, Graziela Dias. Paradigma da complexidade e teoria das organizações: uma reflexão epistemológica. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, p. 276-287, 2010.

SILBERMAN, Isabelle Martelleto; PACHECO, Luís Otávio; FONSECA, Ana Carolina Pimentel Duarte da. Relações de Poder e Legitimidade dos Produtos Vendidos nas Feiras Orgânicas do Rio de Janeiro: Uma Análise Crítica à Luz da Teoria do Poder Simbólico de Bourdieu e da Escola Estratégica de Poder de Mintzberg. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 10, n. 3, 2016.

SILVA, Alexandre Francisco; CALIL, Ricardo Moreira; CALIL, Ercilia Maria Borgheresi. A problemática ambiental em relação aos resíduos sólidos, ruídos e odores em feiras livres na cidade de Osasco. Atas de Saúde **Ambiental-ASA** (ISSN 2357-7614), v. 3, n. 2, p. 30-37, 2016.

SILVA, Lidiane Rodrigues Campêlo da et al. Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente. In: **Congresso Nacional de Educação**. 2009. p. 4554-4566.

VANTI, Nadia Aurora Peres. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da informação**, v. 31, p. 369-379, 2002.

VERGARA, Sylvia Constant; CALDAS, Miguel P. Paradigma interpretacionista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 4, p. 66-72, 2005.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; CALDAS, Miguel P. Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. 1, p. 59-70, 2006.